

Sou jornalista. Amo a minha profissão carinhosamente. Desejo mantel-a até ao fim da minha vida. Mas nunca, na imprensa, eu defenderei o arbitrio e a mentira. A minha pena ruge só quer pelear pela Liberdade. E a Liberdade hoje é a Monarchia. Nenhuma das promessas republicanas foi cumprida. N'este paiz não ha ordem, nem trabalho, nem progresso. Custa-me bem escrever estas palavras. Ellas correspondem ao desabar das minhas velhas convicções e á perda irremessivel das minhas risonhas esperanças. Mas nenhum homem de bem possui o direito de calar o que pensa e nenhum patriota pôde negar o seu auxilio á causa da redempção da patria. Por isso eu fallo assim, francamente, claramente, revelando todas as minhas culpas e todas as minhas augustias.

Tenho pelos humildes e pelos que soffrem a sympathia e o respeito que elles merecem. E vejo-os desprezados pelos homens que, na vigencia da monarchia, gritavam um fingido amor pela *solidariedade humana*. Desejo que as leis reconheçam a liberdade de opiniões e estou assistindo, constantemente, á violação indecorosa dos mais rudimentares direitos individuaes praticada pelas creaturas que, antes de 5 de outubro de 1910, tentavam justificar os seus movimentos revolucionarios com a affirmativa de que em Portugal os monarchicos procuravam impedir, violentamente, a expansão legal das ideias politicas dos seus adversarios. Pretendo assistir á possível educação civica do nosso povo, generoso e docil, e vejo esse povo arrastado pelos chefes demagogicos para o caminho do banditismo e da indignidade só existente nas pobres nações anarchisadas.

Qual é o meu dever? Cruzar os braços? Transigrir com a infamia? Applaudir o crime? Não! Já não posso mais... Que os medrosos e os incnscientes continuem — se querem — ao lado dos republicanos. Eu não. Eu sou, d'óra avante, abertamente, decididamente, contra elles. Ha perigo em ser monarchico em Portugal? Ha; e se o não houvesse eu não faria hoje, em publico, a minha profissão de fé. Recolheria á minha casa modesta e alli, junto dos meus livros, procuraria esquecer a existencia do meu infortunado paiz. Os homens que emprestam a uma causa nobre o seu esforço e a sua intelligencia só quando a julgam triumphante, não praticam um acto digno, realizam uma vileza. Por isso eu procedo contrariamente. E espero que muitos outros homens de bem, que foram sinceramente republicanos secundem a minha resolução — a unica resolução que pode tomar quem não deseja ver Portugal, atascado na lama, perder os seus direitos de heroica nação autonoma!.

Victor Falcão.

Posto em liberdade por nada se ter podido provar contra elle mas ameaçado de ser preso novamente pelo governo Victor Hugo, o nosso illustre camarada partiu para o estrangeiro onde durante dois mezes acompanhou devotadamente o director d'A *Restauração* nas diversas phases d'uma enfermidade grave.

Hoje que a *A Ideia Nacional* resolveu abrir um inquerito sobre a obra e os effectos da administração republicana por esse paiz fóra, nós não quizemos confiar essa missão que tem de ser feita sem hesitações nem tibiezes, proba e conscienciosamente, senão a Victor Falcão que certamente se desempenhará d'essa obra com aquelle brilho e aquella honestidade jornalística que sempre o caracterisaram.

E' a cidade do Porto, onde tantas e tão graves carrapatas tem creado a inepcia republicana, que occupará primeiro as nossas attentões. O primeiro artigo d'essa serie que Victor Falcão ahi foi preparar, intitula-se *Os donos do Porto* e será publicado no proximo numero da *Ideia Nacional*, que sahe no sabbado, 27 do corrente.

Gralhas

No ultimo artigo do senhor conselheiro Ayres de Ornellas, publicado no 2.º numero d'A *Ideia Nacional* deixou a nossa revisão passar varias *gralhas*, uma das quaes importante; na pagina 41, onde se lê: "tal foi a criação da *mocidade* nacional em França durante trinta e tantas gerações de reis", deve lêr-se: "tal foi a criação da *unidade* nacional em França durante trinta e tantas gerações de reis".

Pedimos desculpa ao nosso eminente collaborador e esperamos que tal facto se não repita.

Arte e Elegancia. A «Contemporanea»

«Leitor: nesta mesa de trabalho onde gazetas, livros ou escriptos, tudo denuncia as maguas e os odios da batalha em que vivemos, existe sempre d'umas violetas o convivio afagante e melancolico. Assim é bom que lá de quando em quando, os

teus olhos, fatigados da politica, tranquillamente repousem sobre as coisas do mundo mais tranquillias.

Contemporanea é uma revista de arte e de elegancia, cuja breve appareição te annunciámos com alegria, certos de que ella levará ao delirio febril em que tu vives, aquelle rithmo de belleza que até no delirio é necessario, como dizia Santo Anthero de Quental.

Nigromantes da linha, theoreticos da tinta e magicos da phrase, dar-se-hão nessa revista os *rendez-vous* do espirito, de forma que tu possas sem quebranto, rithmar a tua vida afadigosa e triste pelo tic tac de belleza civilisada que vive longe de ti, no grande mundo...

As paisagens distantes, os grandes poemas de pedra, — egrejas, cathedraes e estatuas, e a reportagem das maravilhas sepultas na ignorancia, tudo isso ella contém para nosso gaudio, leitor. E tu verás, e nós veremos na *Contemporanea*, toda a belleza vivente, plasmada com mestría, — sonhos de poetas, vagos como libelallos fugidios, figuras de mulheres que tu conheces, trigueiras e fortes como samaritanas, loiras e esguias como caules de junco onde poisasse a graça doirada d'uma abelha...

J. do A.

Nada melhor que este pedacinho de magica prosa de João do Amaral define a nobre revista que a iniciativa de José Pacheco, o seu bello talento e a sua larguissima cultura artistica vão lançar a publico dentro de curto praso. O requintado artista que é José Pacheco presta assim um grande serviço a este paiz, serviço que "A Ideia Nacional" applaude de todas as suas forças.

Liga Naval Portugueza

Alguns redactores da revista de philosophia politica — *Nação Portugueza* — com a collaboração de outras individualidades competentes, promovem brevemente na Liga Naval uma serie de conferencias, versando os mais importantes assumptos que se relacionam com o problema iberico, a que veiu dar actualidade e aspecto novo, o recente livro do deputado e publicista hespanhol snr. D. José del Nido y Sejalerva, *La Union Iberica*.

As affirmações mais graves n'elle contidas com respeito ás razões de ser da nossa autonomia politica, foram pela primeira vez commentados por João do Amaral, no semanario de Coimbra *Patria Nova*, e embora tenham feito o giro da imprensa de Lisboa, em discussão mais ou menos ligeira, ainda até hoje não lhes foi dada a merecida resposta.

Isso procuram fazer as proximas conferencias, pondo em relevo a differenciação irreductivel que separa as duas nações peninsulares que podem e devem viver na melhor alliança e amizade, sem deixarem de se respeitar na sua autonomia politica que embora outras razões a não justificassem, já tinha a consagração persuasiva de oito seculos de historia.

As conferencias serão feitas em dias certos da semana e previamente annunciadas, não se observando, porém, na sua precedencia a ordem por que vão enumeradas:

O Territorio e a Raça — Dr. Antonio Sardinha (Antonio de Monforte).

A Lingua e a Arte — Dr. Hippolyto Raposo.

Economia Nacional — Dr. José Pequito Rebello.

A Lição dos factos — Luiz de Almeida Braga.

Instituições e Leis Patrias — Dr. A. Xavier Cordeiro.

Politica Militar — Tenente Vasco de Carvalho.

Diplomacia Peninsular — Alberto de Monsaraz.

José Campas

Não desconhecem os leitores d'*A Ideia Nacional* o nome que encima estas linhas e que é o d'um dos mais talentosos artistas da nova geração. O sr. José Campas, que nós conhecemos em Paris quando all frequentava a Escola de Bellas Artes, é um *novus* de raro merito. Em Paris obteve elle assignalados triumphos e Deus sabe que altas qualidades são precisas para *marcar* em Paris, na arte, entre os milhares de nacionaes e estrangeiros que frequentam a Escola de Bellas Artes. Lá vimos os seus quadros no *Salon*, applaudidos unanimemente pela imprensa pari-